

-Sobre o abuso do emprego dos saes de quinina nas febres do Rio de Janeiro. - Resposta ao Dr. Dias de Barros. - Sessão de 8 de Novembro de 1898. -  
-Publicada na "Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro", n.1, tomo II

Guimarães, Antonio Figueiredo, Campello, Marcos de Araujo, Candido de Andrade, Ribeiro da Silva, Soares do Couto, Azevedo Junior, Guedes de Mello e pharmaceutico Lino de Macedo, é aberta a sessão.

Comparecem depois os Drs. Carlos Costa, Alfredo Porto, Werneck Machado, Emilio Gomes, Alvaro Ramos e Simões Corrêa.

EXPEDIENTE : *Gaceta Medica*, de Caracas, n. 14; *Brazil Medico*, n. 38; officio do Professor Griffiths, de Londres, agradecendo o titulo de socio; *Annaes do Circulo Medico Argentino*, ns. 15 e 16; Carta do Dr. Aurelio Marques, do Recife, agradecendo igualmente o titulo de socio correspondente; officio do mesmo theor do Dr. José Martins Carvalho Mourão; carta do Dr. Benicio de Abreu, communicando não poder comparecer por força maior; officio do Dr. Martins Leocadio Cordeiro, propondo a fundação do Gremio Proteccionista Medico e Pharmaceutico do Rio de Janeiro.

O Sr. PRESIDENTE comprimenta os dons socios correspondentes Drs. Marcos de Araujo e Ribeiro da Silva, que se acham presentes. *Rev. da Soc. de Med. e Cir. do Rio de Janeiro*, n. 10 - Out. 1898 - 29.ª Sessão Ordinária, 18 Out. 98

1.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

O DR. ANTONIO DE FIGUEIREDO lê uma memoria intitulada «Acerca de um tonico do systema nervoso.»

O DR. DIAS DE BARROS começa felicitando o seu collega pelo bello trabalho que apresentou, trabalho que é por assim dizer uma obra de philosophia medica. Tem entretanto, pequenos reparos, a fazer sobre diversos pontos. Em primeiro lugar não comprehende como o collega emprega a expressão «typho-malaria», cuja significação exacta ignora. O professor Torres Homem falla em sua obra em febres-typho-malarias, que trata por altas doses de quinina. O orador não comprehende a associação de um bacillo a um hematosoario, produzindo uma infecção hybrida.

Quanto ao emprego da quinina, acha que se tem abusado d'ella, sobretudo na infancia. Os saes de quinina, que são tomados em pequenas doses, anemiam o cerebro em altas doses, por isso cre que só depois do exame do sangue é que se deve administrar este agente therapeutico. Respondendo a um aparte do Dr. Ribeiro da Silva, o orador diz que, se não se encontram hematosoarios no sangue das creanças, é porque, tendo-se antes dado qui-



-Sobre o abuso do emprego dos saes de quinina nas febres do Rio de Janeiro. - Resposta ao Dr. Dias de Barros. - Sessão de 8 de Novembro de 1898. -  
-Publicada na "Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro", n.1, tomo II

nina, esta os faz afastar do meio interno. Cita o facto de um doente que tinha febre ha seis mezes, febre que havia resistido a altas doses de quinina. Dado o azul de methylena e parecendo á primeira vista que havia normalidade do rim, o exame microscopico mostrou cylindros hydalinos. Acha que se não deve sempre dar quinina.

Emquanto a clinica não revelar residuos que provenham exclusivamente do cerebro, não sabe qual seja o tonico proprio d'esse orgão, tonico a que se refere o Dr. Antonio de Figueiredo.

Acha que actualmente são ainda os phosphatos os melhores tonicos centraes.

Quanto ao alcool, cita o facto de não se poder operar um alcoolista sem que appareça um accesso de delirio alcoolico.

No caso do Dr. Antonio Figueiredo, acha que o alcool aproveita, não sómente como excitante central, senão tambem como tonico peripherico.

Em relação aos doentes cardiacos, lembra que os trabalhos de Waldeyer demonstraram que todos os tecidos da periphéria têm representações cerebraes; isto é, que os tecidos se communicam com a substancia cerebral por intermedio dos cylinderaxis dos nervos. Se um ponto qualquer fór picado, for excitado, o cerebro se sentirá; ás vezes a excitação não dá logar a reacção, outras vezes, porém, o cerebro reage. As perturbações periphéricas estão de harmonia com as perturbações cerebraes; entre as cellulas cardiacas e as cerebraes ha intimas relações. Concluindo diz que, não se podendo formular tonicos especificos; esta concepção fica no dominio da philosophia.

O DR. ANTONIO DE FIGUEIREDO, respondendo ás objecções apresentadas por seu collega, diz que empregou a expressão typho-malaria na accepção que lhe dão os clinicos, sem se preocupar com a bacteriologia. Não ignora a acção anemiante dos saes de quinina sobre o cerebro.

Diz que os primeiros experimentadores acreditaram que a quinina actuava sobre os plexus nervosos do mesenterio e, seguindo estas vistas, empregavam o medicamento.

Mesmo anemiando o cerebro, o orador não crê que haja contra indicação a seu emprego, pois que se trata de anemia transitoria, sem depressão persistente e profunda.

Quanto aos tonicos multiplos, não se lembra em que ponto

falla n'elles. Em relação aos phosphatos, diz em seu trabalho que são elles productos da desagregação do cerebro; resultam de trabalho do tonus psychico, mas não do tonus organico.

Todos conhecem a acção diffusa do alcool e isto justifica seu emprego como tonico.

Os alcoolistas perdem, pela ingestão do alcool, de que abusam, agua dos tecidos e têm necessidade de renovar continuamente sua provisào de agua.

O DR. RIBEIRO DA SILVA diz que vem protestar contra o que se disse sobre o emprego da quinina na infancia. Em sua these inaugural citou o facto de uma dose de 1 gramma de sulfato de quinina dado sem accidente a uma creança de 2 mezes.

Observou milhares de creanças na Policlinica, onde se usava largamente da quinina sem accidente.

Deve nos curvar deante dos factos. Não crê que a quinina seja sómente especifico do paludismo; crê quer que seja o mais util dos antithermicos da serie aromatica.

Schmidt no congresso de Montpellier chamou a attenção para esses corpos da serie aromatica.

Termina affirmando que a quinina não é prejudicial na infancia.

O DR. DIAS DE BARROS diz que pelo respeito que se deve aos factos, é que se não deve appellar para o emprego de grandes doses de quinina e acha que não convem empregal-o de modo abusivo e tambem sem exame bacteriologico prévio do sangue.

O DR. CARLOS COSTA entende que se tem abusado dos diagnosticos de paludismo e syphilis hereditaria.

Isto não quer dizer que se deva banir da pratica a quinina, mas crê que se devem limitar as doses, pondo-as em relação com a idade dos doentes.

Não se póde é verdade negar entre nós a preponderancia do paludismo. Acha porém, exaggeradissima a dose de um gramma para uma creança de 2 mezes.

Entrou n'este debate como velho clinico, talvez o mais velho dos presentes. E' admirador dos moços e de seus progressos; assim não deixa de admirar os entusiastas da bacteriologia, mas não a crê indispensavel para um diagnostico de paludismo. Não é necessario que o microscopio revele o agente da malaria para o clinico firmar o seu diagnostico.



-Sobre o abuso do emprego dos sais de quinina nas febres do Rio de Janeiro. - Resposta ao Dr. Dias de Barros. - Sessão de 8 de Novembro de 1898. -  
-Publicada na "Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro", n.1, tomo II

30º SESSAO EM 25 DE OUTUBRO DE 1898

Presidencia do Dr. Dias de Barros  
1º secretario Dr. Moncorvo Filho  
2º secretario Dr. Azevedo Junior

Pergunta como se poderia esperar pelo microscopio para ducidir a questãõ, em caso de acesso pernicioso ?

O DR. RUBENIO DA SILVA lembra que na roça seria impossivel fazer exame microscopio antes de se decidir a dar quinina. Demais, se é verdade o dito hypocritico — naturam morborum curationes ostendunt — dar se quinina e curar-se o doente seria a prova da existencia da malária.

O DR. DIAS DE BARROS responde ao Dr. Figueiredo dizendo que viu no Hospicio Nacional de Alienados doentes de malária apresentarem manifestações de anemia cerebral causada pela quinina. Relativamente a tonus psychico e tonus cerebral diz que não sabe o que isto seja.

Quanto ao Dr. Carlos Costa, acha que não é pura theoria examinar o sangue dos doentes. Sómente, se devem examinar os casos duvidosos.

O DR. ANTONIO FIGUEIREDO reporta-se, quanto ao tonus psychico, ao seu trabalho já lido em sessão da Sociedade.

O DR. EMILIO GOMES diz que a quinina é tónica em pequena dose e depressiva em alta dose.

Na febre typhoyde tem receio de dar quinina; dá sómente em pequena dose. — Usa tambem os tonicos e emprega o methodo de Brand. Acha que o alcool em pequena dose é tonico, depressivo em alta dose.

Crê que é difficil o diagnostico exacto do paludismo sem o microscopio; pois tem visto casos de febre typhoide, com congestão de figado, baço, febre intermittente, etc.

Cita outras molestias que têm intermittencias em suas manifestações. Não comprehende como a creança, citada pelo Dr. Figueiredo, morreu de vermes quando a verminose não é considerada mortal pelos auctores.

O DR. FIGUEIREDO diz que outras causas concorreram para a morte da creança. Assignalou apenas a presença dos vermes, não dando-a porém como causa directa da morte, a qual attribue ao esgotamento produzido pela medicação. —

O DR. GUEDES DE MELLO pede ao Sr. Presidente que conceda na proxima sessão tempo para tratar-se do Congresso Medico.

O DR. CARLOS COSTA lembra aos collegas que a sessão se deve occupar com o adiamento do Congresso.

Estando adiantada a hora, o Sr. Presidente suspende a sessão.

~~A's 8 horas da noite, achando-se presentes os Drs. Dias de Barros, Moncorvo Filho, Domingos dos Santos, Emilio Gomes Ribeiro da Silva, E. Chapot Prévost, Carlos Costa, Marcos de Araujo, Antonio Figueiredo, Campello, Mello Oliveira, Guedes de Mello, Aristides Caire, Alfredo Barcello, e Azevedo Junior, e aberta a sessão.~~

~~Comparecem depois os Drs. Soares de Couto, Werneck Machado, Alfredo Porto e Simões Corrêa.~~

~~Foi lida a acta da sessão precedente, e approvada depois de uma rectificação do Dr. Ribeiro da Silva.~~

~~EXPEDIENTE:—Carta do Dr. Benício de Abreu, communicando não comparecer por doente; *Medicina Moderna*, do Porto, n. 58; *Boletim de Estatistica Demographica-Sanitaria*, de S. Paulo, n. 56; *Brazil Medico*, n. 39; *Gazeta Medica*, da Bahia, n. 2; *Jornal de Pharmacia*, de Lisboa, numero de Julho; Sur a malaria infantile et son traitement, pelo Dr. Moncorvo; A febre typhoide em São Paulo, pelo Dr. Clemente Ferreira; Relatório da Assistencia Publica do Estado do Rio de Janeiro; *Revista Polytechnica*, ns. 7 e 8; *Revista de Jurisprudencia*, n. 12; A Morphéa, pelo Dr. Hilario de Gouvêa (extracto da conferencia de Berlim em 1897).~~

~~Foram propostos socios correspondentes pelo Dr. Campello os Drs. Josetti, do Rio Grande do Sul e Eduardo Moraes, de Joz de Fora, e pelo Dr. Dias de Barros os Drs. João Paulino Marques Gouvea e João Francisco de Souza.~~

~~Foram acceitos unanimemente.~~

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

O DR. MONCORVO FILHO lamenta não ter estado presente na sessão passada, quando o seu illustrado collega Dr. Dias de Barros se referiu ao abuso da quinina, que, segundo seu modo de vêr, anemia o cerebro, e disse julgar mesmo imprescindivel o exame bacterioscopico do sangue na infecção malarica muito antes do emprego do medicamento.

-Sobre o abuso do emprego dos saes de quinina nas febres do Rio de Janeiro. - Resposta ao Dr. Dias de Barros. - Sessão de 8 de Novembro de 1898. -  
-Publicada na "Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro", n.1, tomo II

Não acha que se tenha abusado da quinina, que é um medicamento de primeira ordem e que adquirio o direito de cidade na malaria. E' medicamento da maior confiança na clinica infantil. A quinina não anemia o cerebro na infancia com a frequencia que lhe assignalam os auctores. Sendo chefe de clinica em um serviço muito frequentado, não tem alli notado factos frequentes de anemia cerebral. Quanto ao exame microscopico, não comprehende sua utilidade absoluta; pois quem tem como seu pae, Dr. Moncorvo, 20 annos de pratica, difficilmente se engana em diagnostico de malaria. Ha casos em que a pesquisa do hematozoario seria impossivel, por exemplo nos accessos perniciosos. Esperar pelo exame do sangue, em muitos casos é assistir á morte certa do doente. Como bem disse o seu collega Dr. Ribeiro da Silva, na sessão passada, o exame microscopico será sempre impossivel em certas zonas, no interior, onde o clinico não pôde levar consigo o instrumental para esses exames.

A anemia cerebral consecutiva ao emprego dos saes de quinina é transitoria nos adultos, como bem disse o Dr. Antonio de Figueiredo, e tambem passageira na infancia.

A quinina não é toxica na infancia. O Dr. Carlos Costa, a quem acata e respeita, disse que se tem abusado dos diagnosticos de impaludismo e heredo-syphilis.

Não concorda n'este ponto, pois só quem clinica de olhos vendados é que pôde confundir taes molestias com outras.

O Dr. CARLOS COSTA declara nada acrescentar ao que disse a respeito na sessão passada.

O Dr. Moncorvo, usando de novo da palavra, responde ao Dr. Emilio Gomes, que fallou no emprego da quinina na febre typhoide, dizendo que Marfan frisa as vantagens que tem colhido com a quinina na dothienenteria, onde a emprega sempre, reservando a refrigeração para os casos graves e raros.

Diz em seguida comprehender a acção physiologica da quinina do seguinte modo, conforme uma nota que lê e que aqui vae publicada por extenso:

- 1º introdução da quinina no estomago.
- 2º passagem rapida para o sangue onde fica dissolvida (Lamaux e Follin, Henry, Fordos, Quevenne e Briquet encontraram-na em natureza no sangue).

3º E' eliminada em sua maior parte pelas ourinas, como verificou Briquet (Quinquina et ses composés, Paris, 1853). Em relação ao adulto, em uma ou duas horas, diz Briquet, a quinina na dose de 1 grammá é completamente eliminada do organismo. Um outro facto muito importante, verificado por aquelle illustre medico francez, é que, quanto maior é a quantidade, de quinina ingerida, tanto maior é a eliminação; é quasi impossivel o accumulio.

Léon Nègre (*Considerations sur la malaria chez les enfants et son traitement*. These inaugural, Paris, 1895) de uma série de observações recolhidas na Algeria, conclue que, «nos paizes palustres as creanças são as primeiros atacadas pela infecção tellurica, que reveste n'ellas um caracter grave e é muitas vezes desconhecida. Preconisa a *injecção hypodermica dos saes de quinina, qualquer que seja a idade*, e ao mesmo tempo o emprego dos envoltorios frios a 20°, nos casos de febre tellurica de forma typhoide ou com forte hyperthermia.»

Em seu importante livro prefaciado pelo professor Peter, de Paris, o Dr. Pepper, que clinica em uma cidade da Algeria, assignala tambem muitos casos de *malaria aguda* na infancia, contra a qual houvera empregado com a maior efficacia a quinina na dose de 1 a 3 grammas, mas sem o minimo accidente digno de menção.

Hermann B. Schiffield (*Impaludisme chez les enfants*, New-York Med. Journal, Outubro de 1897) diz que: «em geral a febre intermitente affecta na infancia o typo quotidiano.

«Os estados de calafrios e de suor, sendo muitas vezes pouco observados, ella passa quasi completamente despercebida.

«Raramente o baço se mostra hypertrophiado, se se administra a quinina de uma maneira precoce».

«Acrecenta tambem Schiffield que a malaria é endemica na maior parte das grandes cidades do norte e sobretudo em New-York; todas as duvidas a este respeito emitidas, não repousam em dados scientificos.

«A febre intermitente reclama *imediatamente fortes doses de quinina* e eis ahi um precioso elemento de diagnostico.

«A persistencia dos accessos, prosegue o autor norte-americano, pode ser attribuida, quer á administração, durante um periodo muito curto, de fracas doses de quinina, quer á administração do medicamento sob a fórma de pilulas do commercio, de revesti-

-Sobre o abuso do emprego dos saes de quinina nas febres do Rio de Janeiro. - Resposta ao Dr. Dias de Barros. - Sessão de 8 de Novembro de 1898. - Publicada na "Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro", n.1, tomo II

mento muito resistente e insolúvel, por isso não podendo penetrar na circulação.»

Senhores, não me arrependo da energia therapeutica de que uso quando enfrento um caso de febre palustre.

Lembro-me sempre de Jules Bouvier, de Beyrouth, na Syria (clima quasi identico ao nosso) quando disse com toda a justeza: «Quantas creanças são levadas ao tumulo com o rotulo de den-tiçaõ?»

Quantos casos de congestão pulmonar de origem palustre tenho eu observado e que eram tratados por ahi como de tuberculose pulmonar!

Se dizem-me terem visto morrer creanças victimas da quinina, julgo-me autorizado a responder que muitos tenho visto perecerem por falta d'ella.

Na febre perniciosa, affirmava Torres Homem: «Envenenai o vosso doente pela quinina.»

A toxicidade de qualquer medicamento está em relação com a sua eliminação. Na infancia os rins são muito mais permeaveis que no adulto.

Nesse sentido as experiencias de Stehberger são de grande valor. Em um rapaz de 13 annos, portador de um extroversão da bexiga, cuja urina podia por consequencia ser recolhido sem cessar logo que era secretada, poudo demonstrar Stehberger que o tempo decorrido entre o momento em que differentes substancias eram ingeridas e o momento em que appareciam ellas na urina, era por vezes muito curto, de quinze a selenta e cinco minutos e que sua eliminação attingia em seguida a sua maior actividade depois de um intervallo variando de uma a quatro horas.

«Na primeira edade, a rapidez da secreção renal é certamente muito maior ainda.» (Emlie Allix. E'tude sur la physiologie de la première enfance, Paris, 1867.)

E' factio sabido, depois das investigações do Dr. Moncorvo, que o chlorato de potasso e o azul de metylena dão d'isso um exemplo frisante. Minutos depois de sua administração, a analyse da ourina revela a presença d'aquelles agentes, o primeiro pelo reactivo de Tressenius (coloração pelo anil e descoramento pelo anhydrido sulfuroso) e o segundo pela sua cor característica. E' por essa razão que doses de quinina relativamente grandes que no

adulto produzem phenomenos de quinismo accusados, são pelas creanças perfeitamente toleradas.

H. Huchard fez notar com razão que não basta conhecer o emprego da quinina na febre palustre, mas que é ainda necessaria saber maneja-la.

«Quanto á posologia, convem fazer notar que o poder toxico da quinina não augmenta na creança, como se pensa ordinariamente; ao contrario, a observação permite reconhecer que a creança tolera muito melhor certos medicamentos que o adulto e o velho.

«Não é difficil comprehendel-o, desde que se preste attenção á actividade maior dos emunctorios, no inicio da vida, d'onde resulta forçosamente tambem maior actividade de eliminação dos medicamentos, que penetram na corrente circulatoria. A quinina, graças á sua prompta eliminação do organismo infantil, pode pois ser dada em larga escala.

«Emfim, procurai fazer penetrar no organismo de vosso pequeno doente medicamentos capazes de destruir os agentes malarigenos e em doses repetidas, emquanto houver razão para suspectar qualquer vestigio da molestia; d'outro modo jamais chegareis ao fim e fareis apenas uma therapeutica theorica, illusoria, da qual será victima o vosso pequeno cliente». (Moncorvo, Sur la malaria infantile et son traitement, Médecine infantile, Julho, Agosto e Setembro de 1895, Paris), pag. 52 e 53.

As doses administradas pelo Dr. Moncorvo são:

Para as creanças de peito...	25 a 50 cent.	nas 24 horas.
» » de mais edade	50 cent a 1 gram.	» »
Quando a sit. é ameaçadora.	1,50, 2 e 3 grammas	» »

(Pag. 54 do cit. trabalho).

O Dr. Moncorvo calcula em 20,000 as injeções sub-cutaneas de saes de quinina por elle praticadas de 1871 até hoje, ficando demonstrada d'este modo a innocuidade d'este methodo (pag. 58).

Não comprehendo, pois, o temor que têm alguns clinicos brasileiros pela quinina.

No entretanto, senhores, quantas vezes tenho encontrado factos verdadeiramente assombrosos na clinica, quaes sejam o de collapsus mortaes devidos a errada administração de antimonias, como o oxydo branco de antimonio, o kermes, etc. em creanças ás

-Sobre o abuso do emprego dos saes de quinina nas febres do Rio de Janeiro. - Resposta ao Dr. Dias de Barros. - Sessão de 8 de Novembro de 1898. -  
-Publicada na "Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro", n.1, tomo II

vezes da mais tenra idade, o que é absolutamente condemnado, entre muitos outros por Jules Simon, Moncorvo e por mim proprio; de intoxicação pelo opio, medicamento proscripto da therapeutica infantil por todos os pediatras de valor; das mais graves perturbações produzidas pela *digitalis*, a tôrto e a direito empregada em casos em que é completamente contra-indicada.

A proposito do assumpto que discuto, julgo acertado citardous casos que me acudiu agora lembrar aqui, de passagem, e que demonstram cabalmente o que affirmo.

O primeiro é uma creança de 7 mezes moradora na ponta de Cajú, affectada de malaria grave e que tomou em um mez e duas dias 18 grammas de chlorhydro-sulfato de quinina, achando-se, custa d'isto, curada, nutrida e sem a menor consequencia da medicação.

O segundo, é o de uma menina de 18 mezes, acommettida de gravissima malaria, havendo tido dous accessos perniciosos de forma camatosa com maxima de 41°, baço enormemente augmentado de volume, etc. A esta creança foram administrados, no espaço de um mez e 9 dias, 62 grammas de quinina pela via gastrica e 2 grammas pela via hypodermica.

Apezar de permanecer no foco (rua Senador Pompeu) está perfeitamente boa, corada, vivaz, gorda, funcções gastro-intestinaes normaes.

Tonicidade e rythmo cardiaco normaes.

Baço normal. Apyretica ha 2 septenarios.

No fastigio do processo febril, quando a dose de quinina era elevada a 2 grammas nas 24 horas, a temperatura baixava á normal e, quando se reduzia a dose a 1 grammam, a temperatura subia a 38°, 39° e mesmo 40°. Só depois de administrar 2 grammas diarios de chlorhydro-sulfato de quinina, a temperatura baixou a 36-9 permanentemente e a cura completa se obteve.

Depois da leitura da presente nota sobre a acção physiologica da quinina absorção, eliminação, etc., o auctor chama de novo a attenção sobre as duas observações que referiu e que declara parecerem adrede preparadas para justificar o emprego dos saes quínicos.

O DR. EMILIO GOMES diz que quando se referiu á febre typhoid, fez notar que dava quinina em pequena dose.

Vem de clinicar em zona que não é palustre; por isso julga-se

pouco competente para tratar d'esse assumpto. Quando achou extraordinario o caso de verminose, referiu-se unicamente ás ascariides lombricoides.

O DR. ALFREDO BARCELLOS acha que as duas observações do DR. MONCORVO FILHO justificam o emprego das altas doses. Refere um caso de febre pernicioso com phenomenos meningiticos, baço engorgitado, etc., em que empregou 1/2 grammam de quinina em injecções subcutaneas e 1 grammam pela via gastrica.

Crê que se abusa do diagnostico de malaria e que as grandes doses são prejudiciaes, causando gastro-enterites, devidas á quinina.

O DR. MONCORVO FILHO diz que foi com prazer que ouviu a communicação do Dr. Barcellos; apenas faz algumas pequenas ponderações sobre o emprego da quinina como produzindo gastro-enterite, segundo o collega entende. Desejava saber por que processo isto se deve dar, ou se pelo contrario taes enterites não são devidas á propria malaria.

O DR. ALFREDO BARCELLOS declara que os saes de quinina, para serem absorvidos, precisam ser hyperacidos e talvez seja esta hyperacidex, juncta á acidex normal do estomago, a causa das enterites e gastro-enterites; quando empregada em alta dose produz a quinina os phenomenos referidos de irritações referidos gastro-intestinaes.

O DR. MONCORVO FILHO refere-se á frequencia das enterites palustres, que só se curam com altas doses quinina. Cita experiencias de Brigard feitas em 1835. Acha difficil que a quinina irrita o tubo intestinal. Quanto á pesquisa do hematosoario de Laveran, diz que é muito difficil nas creanças, onde falha quasi sempre o calafrio durante o qual Laveran aconselha a pesquisa do pequeno agente do paludismo.

O DR. CHAPOT PRAEVOS diz que teve um doente de 18 annos de idade que tinha febre de typo intermitente, calafrio, calor e suor perfeitamente definido. Um collega já lhe havia administrado quinina sem resultado. Examinou o doente, pareceu-lhe encontrar engorgitado o baço. Examinando o sangue do doente, á hora habitual do accesso, foram encontradas filarias.

Quem poderia chegar neste caso ao diagnostico de filariose e quem não continuaria a dar quinina, se o exame bacteriologico não viesse demonstrar qual o diagnostico?

-Sobre o abuso do emprego dos saes de quinina nas febres do Rio de Janeiro. - Resposta ao Dr. Dias de Barros. - Sessão de 8 de Novembro de 1898. -  
-Publicada na "Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro", n.1, tomo II

Ninguém contesta a efficacia da quinina no paludismo. Nos accessos perniciosos deve-se sempre usar a via hypodermica, pois sabe-se que a quinina dissolvendo a hematia, vae matar o parasita endoglobular.

Nos casos de diagnostico duvidoso é que ha contestação quanto ao emprego da quinina e n'esses casos não se deve dispensa o exame microscopico. Sua opinião é que, n'esses casos não se deve dar um ceutil de quinina antes do exame microscopico. O Dr. Moncorvo que se mostrou sempre tão habil em pesquisas bacteriologicas, devia fazer sempre o exame do sangue de seus doentes affectados de paludismo, o que seria tão facil fazer no serviço da Policlínica, como um complemento necessario ao exame dos doentes.

Não lhe perdôa essa falta.

O Dr. MONCORVO FILHO pede licença para lembrar que o seu serviço na Policlínica é diariamente frequentado por 30, 40 e 50 creanças de molestias diferentes e não ha tempo algum para exames microscopicos.

Está de accordo quanto a necessidade d'elles nos casos duvidosos, mas quando se apresenta a symptomatologia classica, cré que esse exame pode ser dispensado.

O Dr. ALFREDO BARCELLOS pede a palavra para trazer ao conhecimento da Sociedade, na proxima sessão observações de casos de hypothermia e aproveita o ensejo para ler um questionario sobre um caso de ethica medica, pedindo ao Sr. Presidente se digno nomear uma commissão para dar parecer.

O Sr. PRESIDENTE declara que na proxima sessão o Sr. Dr. Benicio, presidente effectivo, nomeará a commissão respectiva para dar parecer sobre o caso apresentado pelo Dr. Barcellos.

O Dr. SIMÕES CORREIA é de opinião que o Dr. Dias de Barros, desde que preside a sessão, tem competência e corre-lhe mesmo o dever de nomear uma commissão de 6 membros.

O Sr. PRESIDENTE, conformando-se com as ponderações feitas pelo Dr. Simões Corrêa designa uma commissão composta dos Drs. Simões Corrêa, Werneck Machado e Antonio de Figueiredo.

O Dr. SIMÕES CORREIA excusa-se de aceitar esta incumbencia.

E' nomeado para substitui-lo o Dr. Marcos de Araujo. O Dr.